

A AMBIGÜIDADE DE EROS NO MITO DE EROS E PSIQUÊ

Cristiano Egger Veçossi, Evalton Guglielme Rittes & Sidney Lopes Rodrigues

RESUMO[®]

O presente artigo faz uma leitura do mito de Eros e Psiquê narrado na obra **O asno de Ouro** de Apuleio. Pretende-se analisar a ambigüidade do comportamento de Eros a partir das descrições de suas atitudes, encontradas no decorrer da obra. Optou-se por trabalhar com esse aspecto devido ao fato de ele ser notadamente relevante para o desenvolvimento da trama.

PALAVRAS-CHAVE: **O asno de ouro** – Eros e Psiquê – ambigüidade

INTRODUÇÃO

Na obra **O asno de Ouro**, de Apuleio, do capítulo XXVIII do livro IV até o capítulo XXIV do livro VI, o protagonista Lúcio, metamorfoseado em asno, ouve uma velha contar a história de Eros e Psiquê para consolar uma moça. Em tal situação, nota-se que a temática amorosa traz à tona nuances diversas.

A história começa num certo reino, nos domínios territoriais da Grécia Antiga, onde havia um rei, uma rainha e suas três filhas. Duas delas, as mais velhas, eram formosas à vista. A terceira, no entanto, era especial, sua beleza excedia a imaginação de um mortal. Para se ter uma idéia do quanto a caçula era bela, vinham estrangeiros visitar o referido reino só para contemplar e até mesmo louvar a beleza da menina. Ela chamava-se Psiquê.

Entretanto, tamanha contemplação e louvor atingiram os brios da poderosa deusa Vênus. As oferendas, os sacrifícios e as adorações anteriormente devotadas a ela estavam sendo gradativamente convertidas à Psiquê. Dessa forma, a inveja associada à grande ira de Vênus fizeram-na articular um meticuloso plano de vingança. O plano consistia basicamente em que Psiquê se apaixonasse por um homem miserável, de baixa reputação e, portanto, capaz de denegrir a imagem da moça e reduzir a pó sua glória. Cabia a Eros, filho de Vênus, a tarefa de flechar tal homem.

Em consonância com a armadilha preparada contra Psiquê, havia um terrível

oráculo. Além disso, o destino ainda reservou a ela a inveja e a indignação de suas irmãs.

A caracterização de Eros e Psiquê traz elementos que, aliados à trama na qual estão envolvidos, torna-se um relevante objeto de análise. No presente artigo, deteremo-nos a observar o comportamento de Eros, o qual aparece de forma ambígua no decorrer da narração. Apresentaremos, sempre que possível, passagens do texto para confirmar nossa argumentação.

Análise da história

Eros, deus do amor, é aquele que semeia no gênero humano as mais excitantes emoções e alegrias. Sem ele, os poetas teriam pouco a escrever. É o alimento nobre da existência e da conservação da alma. Está na origem do que provoca contemplação e ternura. Se alguém dá a vida por outrem, mormente é graças a Eros que isso acontece: “Deus grande e admirado tanto pelas divindades como pelos homens é Eros” (PLATÃO, s. d., p. 128). Descrever suas virtudes é uma missão árdua e desconcertante para todos os pais da sabedoria, tal sua magnitude e poder.

O mito de Eros e Psiquê representa o outro lado da personalidade desse deus tão venerado. Logo, na sua parte inicial, tem-se uma declaração reveladora do aspecto sombrio de Eros:

[...] o menino alado, esse perverso velhaco que agravando com sua má conduta a moral pública, armado de tochas e de flechas, corre daqui e dali durante a noite, pela casa dos outros, incendeia todos os lares, comete impunemente os piores escândalos, nunca faz coisa boa. Se bem que ele já fosse imprudente por natural velhacaria [...] (APULEIO, s. d., p. 48)

Esse caráter maldoso, matreiro, inconstante e até vulgar acabou por construir-se num excelente instrumento de vingança de Vênus contra Psiquê.

Em um dos trechos da obra em análise: “pelas doces feridas de tuas flechas, pelas deliciosas queimaduras da tocha que carregas” (APULEIO, s. d., p. 48), através dos elementos sinestésicos, “doces feridas”/“deliciosas

queimaduras”, que encerram elementos paradoxais, observa-se a extrema contrariedade dos efeitos provocados por Eros. O deus do amor, ao mesmo tempo em que lança flechas doces, provoca feridas; simultaneamente causa queimadura e deleite.

Conjugado ao plano da deusa Vênus, está o oráculo consultado pelo pai de Psiquê, o qual previa que a moça se enlaçaria matrimonialmente com um monstro:

Sobre o rochedo escarpado,
suntuosamente enfeitada,
expõe, rei, a tua filha,
para núpcias de morte.
Então, ó rei, não esperes
para teu genro, criaturas
originadas de mortal estirpe,
mas um monstro cruel e viperino,
que voa pelos ares.
Feroz e faz tremer a Júpiter,
e é o terror de todos os deuses,
e apavora até as águas do inferno
e inspira terror às trevas do Estige. (APULEIO, s. d., p. 49)

Como se pode perceber, há, no oráculo, uma caracterização sombria e terrível do futuro marido de Psiquê, o qual intimida todos os deuses, inclusive o rei deles, e até mesmo o frio e sombrio Estige, um dos rios do Inferno.

Tal como mandava o oráculo, Psiquê fora deixada na escarpada montanha, onde se cumpriria o terrível vaticínio. No entanto, Zéfiro, o vento, conduziu Psiquê até um suntuoso palácio, onde vozes destituídas de corpo, que se diziam suas escravas, serviram-na.

Assim que caíra a noite, e Psiquê já havia ido deitar-se, sentiu que se aproximara o dono do palácio. Este subiu ao leito e então fez dela sua mulher. Antes que nascessem os primeiros raios de sol, o marido desconhecido partiu sem que ela desvelasse sua identidade.

É importante que se destaque que o encontro dos amantes foi revestido de excelso glamour desde o momento em que ela chegou ao palácio, como pode ser observado no fragmento a seguir de APULEIO (s. d., p. 51);

[...] Logo, vinhos semelhantes ao néctar, e bandejas carregadas de iguarias variadas e abundantes, foram colocados diante dela, sem ninguém para fazer o serviço, e impelidos somente por um sopro. Ela não vislumbrava nenhum ser, apenas ouvia palavras vindas de alguma parte e não tinha senão vozes como servas. Depois de um copioso festim, entrou alguém que cantou, sem se deixar ver, um

outro dedilhou a cítara e, do mesmo modo, permaneceu invisível. Então um grande número de vozes modulou um concerto e, se bem que nenhum ser humano aparecesse, seus ouvidos confirmaram a presença de um coro.

Toda essa magnificência fez com que Psiquê esquecesse momentaneamente a predição do oráculo.

Todas as noites em que os amantes encontravam-se, o esposo advertia Psiquê de que ela não deveria, de forma alguma, conhecer a face dele, já que sabia que as irmãs de Psiquê incitariam-na a quebrar tal determinação. Por seu lado, Psiquê, ao mesmo tempo em que se sentia feliz por estar junto do marido, apesar de que isso só acontecia durante a noite, ficava aprisionada ali, sem contato com sua família. Nesse ponto da trama, verifica-se, uma vez mais a visão dúbia do amor que, se por um lado proporciona prazer e alegria, por outro aprisiona e entristece.

Usando de forte persuasão, Psiquê consegue do esposo a permissão para poder ver suas irmãs. Estas, diante da bendita sorte de Psiquê, são acometidas por grande inveja. Isso pode ser observado na seguinte passagem:

Falando-lhes assim, mostrou-lhes as imensas riquezas da casa de ouro, fê-las ouvirem o povo de vozes que a servia, ofereceu-lhes, para se restaurarem, um banho luxuoso, e os refinamentos da mesa feita para os imortais. Saciadas com essa profusão de riquezas verdadeiramente celestiais, começaram elas, no fundo do coração, a nutrir pensamentos de inveja. (APULEIO, s. d., p. 53)

A partir daí, as irmãs de Psiquê tentam de todas as formas descobrir quem é o seu misterioso amante. Psiquê, em sua extrema ingenuidade, não percebendo a maquinação diabólica de suas irmãs e, ao mesmo tempo, assustada com as ameaças do marido, acaba se contradizendo quanto à identidade dele, a qual, cabe lembrar, nem ela conhece. Nesse momento, fazendo com que Psiquê se lembrasse do oráculo, as irmãs proferem as seguintes palavras, que reafirmam uma imagem negativa, sombria e maléfica do seu esposo:

[...] uma horrível serpente, um réptil de tortuosos anéis, com o pescoço estufado de baba sanguinolenta, de um veneno temível, a goela hiante e profunda, eis aí o que repousa à noite, furtivamente, a teu lado. Lembra-te do oráculo do deus de Delfos e da besta

monstruosa que sua voz profética te assinalava como esposo. (APULEIO, s. d., p. 56 -7)

Psiquê, lembrando o mau presságio que o oráculo ditara e assustada com as ameaças do marido, acaba se convencendo de que o esposo realmente é um monstro e revela às irmãs que desconhece a face dele. Parece que elas despertaram em Psiquê uma impressão já existente em sua consciência, como assim confirma Junito Brandão, em **Mitologia Grega**:

É exatamente esta situação que torna possível o conflito em Psiquê: no mesmo corpo ele odeia o monstro e ama o marido e foi essa constatação que permitiu às irmãs seduzi-la. Embora a jovem esposa ignorasse a aparência do marido, de há muito a oposição monstro – marido vivia em seu inconsciente e foram precisamente as irmãs que, a conscientizaram do pressuposto aspecto da “fera mortífera”. Não lhe sendo mais possível permanecer em seu antigo estado inconsciente, ela é coagida a ver o verdadeiro aspecto do parceiro e, apesar da ambivalência, a oposição entre a Psiquê que odeia o monstro e ama o marido é projetada para o exterior, obrigando-a a entrar em ação. (1998, p. 229)

Psiquê então resolve pôr em prática o plano articulado por suas irmãs: armada de uma navalha e possuindo uma lâmpada cheia de óleo, está disposta a matar a “serpente maléfica”. Assim que anoiteceu e o Cupido deitou-se, Psiquê acendeu a lucerna e então viu “a mais feroz de todas as feras selvagens, o dulcíssimo, o adorável monstro” (APULEIO, s. d., p. 59). Merece atenção aqui o elemento paradoxal do “adorável monstro”: o contraste existente entre a descrição que é até então dada do marido de Psiquê pelo oráculo e intensificada pelas irmãs e a visão esplendorosa que ela tem ao acender a lâmpada:

Viu uma cabeça dourada, uma nobre cabeleira inundada de ambrosia. Sobre um níveo pescoço e face corada, erravam cachos, graciosamente enrolados, que caíam uns para frente, outros para trás e tão vivo era o seu brilho que fazia vacilar a própria luz da lâmpada. Nas espáduas do deus alado, plumas cintilavam de brancura, como flores orvalhadas, e nas bordas de suas asas, se bem que estivessem em repouso, uma tênue e delicada penugem ondulava, agitada sem cessar por um frêmito caprichoso. O resto de seu corpo era brilhante e liso de tal modo que Vênus não podia se arrepender de o ter dado à luz. (APULEIO, s. d., p. 58).

Assim; revela-se a face iluminada, amável de Eros que contrasta com o caráter terrível e sombrio, com o qual até então havia sido identificado. Pode-se relacionar tal imagem ambígua do Amor, no mito, com o que Pausânias, no **Banquete** de Platão, (s. d., p.133) constata em seu discurso: a existência de dois Eros, um vulgar e o outro celeste. Dessa forma, analogicamente, podemos deduzir que Eros, antes de se enamorar por Psiquê, agia de forma vulgar, flechando desordenadamente, despertando, assim, nos corações dos homens e dos deuses escandalosas paixões, e até mesmo fornecendo garotas para o deleite de seu padrasto. Convém lembrar o que Vênus diz a Eros em um acesso de raiva: “Não tens por acaso o costume, para atormentar meu coração amante, de lhe fornecer [a Marte] meninas para suas galantarias?” (APULEIO, s. d., p. 62). Era a esse Eros, corruptor e libertino, que se referia o oráculo.

Faz-se pertinente lembrar o que diz Pausânias acerca de Eros no **Banquete**: “nem todo Eros é em si mesmo belo e louvável, mas se torna belo e louvável unicamente quando nos encaminha para um amor que é belo e louvável”.(PLATÃO, s. d., p.133). Mesmo que aqui o elogio seja ao amor filosófico, aquele que transcende as paixões físicas e ascende ao mundo das Idéias, não podemos esquecer que Psiquê é personificação da alma e, segundo Platão, o amor a uma bela alma é bom e duradouro. Assim, ao conhecer Psiquê, parece atuar no Cupido o Eros Celeste.

Ao sentir o óleo da lucerna queimar sua pele, Eros acorda e então percebe que Psiquê o desobedecera. Nesse momento, ele abandona sua esposa para curar suas feridas. Então ela sai errante em busca do marido e acaba indo parar próximo à casa de Vênus, que já estava à sua procura. A deusa, após maltratá-la duramente, inflige-lhe quatro penosas tarefas.

Após um tempo de sofrimentos e superação, e, cumpridos os trabalhos ditados por Vênus, o Cupido, não conseguindo ficar muito tempo longe da bela jovem e devorado por excessivo amor, suplica a Júpiter que este permita que ele se case com Psiquê. O supremo pai dos deuses se lembra do caráter rebelde de Eros, o qual inclusive desrespeitava a moral pública, desobedecendo as leis, comprometendo a honra de Júpiter e incitando-o ao adultério, mas mesmo assim convoca todos os deuses para uma reunião, e então abençoa o casamento dele com Psiquê:

[...] aqui está um adolescente que criei com as minhas mãos como vós todos sabeis. Achei que é preciso pôr um freio aos impetuosos ardores de sua primeira juventude. Assim, ele tem dado o que falar, pelo escândalo cotidiano de seus adultérios e tolices de toda espécie. Tiremos-lhe a ocasião e acabemos-lhe com a luxúria de adolescente, encadeando com os laços do casamento. Ele escolheu uma moça e tirou-lhe a virgindade. Que a conserve, que a guarde para si, e, unindo a Psiquê possa fruir para sempre do seu amor. (APULEIO, s. d., p. 70)

Enfim, lembramos do que diz Pausânias:

É perfeitamente honroso entregar-se em nome da virtude [...]. É celeste, e extraordinariamente benéfico tanto para os indivíduos como para o próprio Estado, pois impele ao mesmo tempo amante e amado a procurarem incansavelmente a virtude e a sabedoria. (PLATÃO, s. d., p. 138).

Dessa forma, a união do Amor com a Alma transforma Eros corruptor e irresponsável (Eros vulgar) em um Eros adulto e virtuoso (Eros celestial). Psiquê, agora imortal, parece ter flechado Eros.

CONCLUSÃO

Conforme o que pôde ser observado na obra analisada, há um número significativo de elementos que revelam o caráter ambíguo de Eros. Este é caracterizado no decorrer da trama, ora de forma positiva, ora negativamente, impossibilitando, assim, que o leitor tenha uma impressão definitiva de sua essência.

A partir dos discursos platônicos de **O banquete** e através dos fragmentos citados de **O asno de ouro**, a dualidade comportamental de Eros ganha testemunhos de primeira grandeza. Contudo, o ponto fundamental da expressão do caráter dúbio do Amor se dá, indubitavelmente, através da figuração do seu enlace com a singular Psiquê.

A história apresenta dois momentos marcantes em relação à natureza de Eros. Este, em primeiro momento, tem um comportamento desregrado (sem que suas flechas conhecessem limites, ele agia como um adolescente rebelde). No entanto, ao conhecer Psiquê, revela-se uma outra nuance de seu caráter, mostrando-se envolvido por sua amada e, assim, atingindo uma dimensão celestial. Depreendemos também que a superação de Eros da dor causada pelo ferimento

de Psiquê e a cura das suas feridas, assim como o sofrimento que a moça passa para cumprir as tarefas ditadas por Vênus, são etapas necessárias para a revelação do amor divino.

É a benção de Júpiter que encerra o mito, dignificando o sentimento dos amantes e elevando-o a uma esfera celeste. Assim, o Cupido passa de um estágio irresponsável, repleto de aventuras amorosas, para um estágio responsável, maduro.

BIBLIOGRAFIA

APULEIO. **O Asno de Ouro**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s. d.].

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Rio de Janeiro: Vozes, 1989. Vol. II.

_____. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega**. 4 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. Vol. I.

PLATÃO. **Diálogos. Banquete**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, [s. d.].

© Trabalho realizado na DCG "A Literatura Greco-Latina e a Filosofia do Amor", ministrada pela Professora Raquel Trentin Oliveira. Alunos do 2º semestre do Curso de Letras – UFSM.